

JORNALISMO AMBIENTAL

Como pode-se comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre as coisas do nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias de areia, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na crença do meu povo. (SEATTLE, 1855.)

A temática ambiental é uma proposição cara a região Norte do Brasil. Alicerçada na nascente dos igarapés da Região Amazônica, a **Aturá – Revista Pan-amazônica de Comunicação** não se descuida das bordas dos rios que constrói e dos que vem construindo.

Em um percurso de preocupações com “as águas Amazônicas”, o n.1 (2018) da **Aturá** já fez história ao apresentar um Dossiê Temático referente ao Jornalismo Transmídia na Amazônia.

A vazão das produções continua a ser sinalizada na organização do n.2 (2018) da **Aturá** com o Dossiê temático voltado para o Jornalismo Ambiental, o qual sinaliza as preocupações existentes na e para a Região Amazônica em relação aos longínquos e constantes ataques às questões ambientais.

Distante de tal pretensão, mas certamente próximo destes ideais, a Aturá, em sua incipiente, mas forte iniciativa enquanto produção científica amazônica lança mão das palavras de Davi Kopenawa quando ele traz a importância de desenhar na língua dos brancos para ser ouvido.

Não sou um ancião e ainda sei pouco. Entretanto, para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos. Talvez assim eles afinal as entendam, e depois deles seus filhos, e mais tarde ainda, os filhos de seus filhos. Desse modo, suas ideias a nosso respeito deixarão de ser tão sombrias e distorcidas e talvez até percam a vontade de nos destruir. Se isso ocorrer, os nossos não mais morrerão em silêncio, ignorados por todos, como jabutis escondidos no chão da floresta (KOPENAWA; BRUCE, 2015, p. 76).

Assim, traçar caminhos que problematizem esta temática de forma consciente e disseminadora faz com que o Jornalismo ambiental tome forma a partir das águas que vão moldando suas margens e das perspectivas que vão sendo construídas na interlocução com ribeirinhos, com os pescadores, com os barqueiros e com os povos indígenas ou não que subsistem em suas margens. Perspectivas estas que são alicerçadas pelas vivências e pelas experiências dos que se inserem neste contexto e, passam a estudar como as proposições ambientais são entendidas e como elas repercutem em distintos lugares do Brasil e do mundo.

O Jornalismo Ambiental é uma margem inundada de riquezas, mas que carece de leitores que as garimpem em prol uso consciente e da preservação.

Nas matérias jornalísticas de nosso tempo a vazão das águas amplia-se por igarapés antes desconhecidos e a diáspora instaurada requer leitores cuidadosos e atentos aos dados e aos posicionamentos políticos implícitos nas produções.

O jornalista Roberto Villar (1997) nos apresenta dois momentos marcantes do Jornalismo Ambiental: a Conferência da Biosfera (Paris, 1968) e a primeira entidade de Jornalismo Ambiental (França), no mesmo período. Ainda, no Brasil temos Randau Marques, o primeiro jornalista brasileiro especialista na temática ambiental, que no mesmo ano de

1968 era preso no Brasil pela Operação Bandeirantes. Este cenário corrobora com as proposições feitas referentes à construção jornalística e à perspectiva do entendimento do leitor acerca da proposta apresentada.

A década de 70 do século XX apresenta-se como um momento marcante para as disputas e discussões referentes ao tema ambiental dando impulso à expansão e ao olhar para os igarapés invisibilidades. Situação ainda hoje bastante complexa e com uma demanda significativa de iniciativas que deem visibilidade a esta questão.

Este Dossiê, na ânsia de contribuir com esta perspectiva, lança mão de produções que apresentam propostas direcionadas ao meio ambiente abrangendo os diferentes igarapés que se formam das nascentes dos diferentes estados brasileiros. Apresenta uma abertura para a seção de temas livres onde encontramos trabalhos que direcionam seu olhar para as margens da sociedade e, para as bordas da Região Amazônica.

O Dossiê Temático **JORNALISMO AMBIENTAL** é composto por dez textos: o primeiro, **JORNALISMO E PROCESSOS SOCIOCULTURAIS NA AMAZÔNIA: RESSONÂNCIAS IDEOLÓGICAS NA COBERTURA AMBIENTAL**, de autoria de Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues, Gleilson Medins de Menezes e Rafael de Figueiredo Lopes que apresentam a discussão entre processos socioculturais na Amazônia e a produção jornalística ambiental na região. O objetivo é apontar ideias construídas na historicidade e suas inter-relações com a cobertura de eventos climáticos extremos, por periódicos amazonenses. Trata-se de um estudo bibliográfico interdisciplinar, com uma abordagem pós-colonial, baseada em aportes da comunicação, sociologia, antropologia e ciências do ambiente.

No artigo **O JORNALISMO AMBIENTAL NA CONCEPÇÃO DE QUEM O FAZ: ESTUDO COM JORNALISTAS DA AMÉRICA LATINA, CARIBE, PORTUGAL, ESPANHA E PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA** com autoria de Ilza Maria Tourinho Girardi, Eloisa Beling Loose e Jamille Almeida da Silva, onde a pesquisa foi realizada com jornalistas que se dedicam à cobertura de meio ambiente, em veículos de comunicação, assessorias de imprensa ou no ensino, na América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e países africanos de língua

portuguesa a fim de verificar como esses profissionais compreendem a noção de Jornalismo Ambiental (JA).

No artigo **APONTAMENTOS NA PRODUÇÃO TELEJORNALÍSTICA: UM OLHAR SOBRE SIGNOS, MEDO E MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO JORNAL NACIONAL** dos autores Mônica Candéo Iurk e Mônica Cristine Fort artigo tem como objetivo identificar elementos que podem ser interpretados como geradores de medo derivado a partir de informações apresentadas em reportagem televisiva. O assunto em pauta são as mudanças climáticas e a reportagem que serve como objeto de estudo foi apresentada no Jornal Nacional da Rede Globo em outubro de 2015. Busca empregar a relação triádica de Peirce: representamen – objeto - interpretante.

No artigo **ANÁLISE DA CONTEXTUALIZAÇÃO E DA SENSIBILIZAÇÃO NA COBERTURA DE EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS PELO JORNAL ONLINE “FOLHA DE SÃO PAULO” (SÃO PAULO/SP)** de autoria de Antônio Euclides Ribeiro Lopes, Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues e, Grace Soares Costa analisaram matérias veiculadas no período de julho a dezembro de 2014, no portal do jornal “Folha de São Paulo”. O enfoque do trabalho concentrou-se nas seguintes categorias: contextualização e sensibilização. Deste modo, foi possível verificar se a imprensa conseguiu informar de forma eficientemente seu público sobre os fenômenos das secas e suas implicações na cidade de São Paulo.

No artigo **ANÁLISE DA SENSIBILIZAÇÃO DO JORNALISMO AMBIENTAL NO PARANÁ**, elaborado por Patrícia Vaz Borges e Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues, faz uma análise das matérias relacionadas a questões ambientais e de desenvolvimento sustentável publicadas pelo jornal online “Gazeta do Povo” (Curitiba/PR), avaliando a frequência e a qualidade das publicações. Pontua a relevância do fazer jornalístico como elemento incentivador à aquisição de hábitos sustentáveis e como estimulador da reflexão e de tomada de medidas preventivas por parte da sociedade.

No artigo **ANÁLISE DA COBERTURA DE PROBLEMAS AMBIENTAIS PELO JORNAL ONLINE GAZETA DO POVO**, dos autores Patrícia Vaz Borges e Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues, faz uma análise das matérias relacionadas a questões ambientais e de desenvolvimento

sustentável publicadas pelo jornal online “Gazeta do Povo” (Curitiba/PR), avaliando a frequência e a qualidade das publicações. Adotou-se como critérios os princípios do jornalismo científico ambiental para, assim, verificar se a imprensa se fez eficiente no objetivo de informar seu público sobre este tema.

No artigo **ANÁLISE DA CONTEXTUALIZAÇÃO DO JORNALISMO AMBIENTAL EM SANTA CATARINA**, dos autores Natascha Almeida Dantas e Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues, apresenta alguns dos resultados obtidos no projeto de pesquisa “Análise da cobertura de problemas ambientais pelo jornal online Diário Catarinense”, desenvolvido no âmbito do Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo na e sobre a Amazônia (LABJAM) e cujo objetivo foi analisar a cobertura jornalística dos problemas ambientais de Santa Catarina realizada por um dos principais jornais online do Estado.

No artigo **A TRAJETÓRIA DO JORNALISMO E DOS JORNALISTAS AMBIENTAIS NO BRASIL: O NÚCLEO DE ECOJORNALISTAS DO RS**, de Eliege Maria Fante, Cláudia Herte de Moraes, Carine Massierer e Sarah Bueno Motter, apresenta o levantamento da trajetória do Jornalismo Ambiental no Brasil, que foi marcada fortemente pela criação e consolidação do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ-RS), fundado em 22 de junho de 1990. O NEJ-RS foi criado para incentivar e aperfeiçoar a cobertura jornalística na questão ambiental e passou a reunir, ao longo dos anos, jornalistas que fizeram do Jornalismo Ambiental a sua missão de vida e profissional.

No artigo **ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA DE QUESTÕES AMBIENTAIS PELO JORNAL ON LINE “CORREIO DO POVO**, dos autores Maysa Fernanda da Silva Saraiva Leão e Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues, apresenta um estudo sobre a cobertura jornalística do jornal on-line “Correio do Povo”, do Estado do Rio Grande do Sul, relacionadas com meio ambiente, buscando avaliar se a imprensa conseguiu informar eficientemente os leitores sobre questões ambientais e seus desdobramentos no Sul do país.

E, finalizando o dossiê o artigo **APONTAMENTOS SOBRE A NECESSIDADE DA CONSCIENTIZAÇÃO DO CONSUMO RACIONAL DE ÁGUA NO SETOR HOTELEIRO**, com

autoria de Paulo Fernando de Lucena Borges Ferreira e Leila Adriana Baptaglin, apresenta um estudo sobre a necessidade procedimentos que auxiliem o setor hoteleiro no intuito de seus colaboradores e hóspedes compreendem melhor à importância do consumo racional de água, colaborando para um melhor aproveitamento e gerenciamento de sua utilização.

Na seção **TEMAS LIVRES** apresentamos três artigos intitulados: **A NOTÍCIA SOBRE A JUSTIÇA DO TRABALHO NA IMPRENSA CEARENSE COMO GÊNERO DO DISCURSO JORNALÍSTICO**, com autoria de Daniel Dantas Lemos e Hugo Cardim Pinheiro, onde o estudo propõe-se a realizar uma análise inicial de enunciados jornalísticos com fundamento nos estudos dos gêneros do discurso jornalístico, tomados a partir do pensamento do Círculo de Bakhtin, em diálogo crítico com a Classificação Marques de Melo (MELO & ASSIS, 2013). Para tanto, realiza uma análise da cobertura acerca da Justiça do Trabalho no Ceará no Diário do Nordeste e em O Povo, considerando a partir daí as notícias como gêneros do discurso jornalístico.

No artigo **O USO DA MÍDIA TELEVISIVA POR GRUPOS E INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DA IURD NA REDE RECORD**, dos autores Jackson de Souza Félix e Vilso Junior Santi, busca analisar o programa *Fala que eu te escuto* veiculado na *Rede Record*, apontando os atos persuasivos e estratégias político-econômicas utilizadas pelos pastores eletrônicos e membros da Igreja, expondo como a IURD utiliza os meios de comunicação para o acúmulo de capital, além de entender a instituição religiosa iurdiana como uma grande empresa.

E, por fim, no artigo **CAMINHOS NARRATIVOS DOS RAPPERS DE BOA VISTA (RR)**, de Edgar Jesus Figueira Borges e Leila Adriana Baptaglin, analisa letras de rap escritas e gravadas por rappers residentes em Boa Vista (RR) para mapear quais narrativas utilizam para construir sua identidade perante o público ouvinte e colegas de atividade artística. A partir dos conceitos de identidade e narrativa, procura estabelecer o perfil e a temática dos compositores deste ritmo musical em Roraima.



Que a leitura te conduza a consciëntização em relação à temática ambiental.

Boa Vista – RR, Palmas – TO, Vilhena – RO, Belém – PA, Abril de 2018.

Editores convidados/ Guest Editors/ Editores convidados

Leila Adriana Baptaglin – Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil.

Vilso Junior Santi – Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil.

Editores Gerais / Chief Editor / Editor general

Francisco Gilson Rebouças Porto Junior – Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil.

Sandro Colferai – Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Brasil.

Elaide Martins – Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil.

Referências

KOPENAWA, D.; BRUCE, A. **A queda do céu**: Palavras de um xamã yanomami. Tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEATTLE. **A Carta do Cacique Seattle, em 1855**. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm>. Acesso em: 19 de abr. 2018.

VILLAR, R. Jornalismo Ambiental: evolução e perspectivas. 1997. **Laboratório Ambiental de Jornalismo**. Agir Azul. Campo Grande, MT: UFMT. Disponível em: <http://www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm>. Acesso em: 19 de abr. 2018.